

## Imagem e roteiro de Charles Chaplin

SILVEIRA, Walter da. *Imagem e roteiro de Charles Chaplin*; capa de Calazans Neto. Salvador, Ed. Mensageiro da Fé Ltda., 1970.

Este livro foi escrito pelo destacado ensaísta baiano Walter da Silveira como homenagem aos 80 anos do grande gênio do cinema, e, concorrendo ao concurso literário da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, mereceu o Prêmio Teodoro Sampaio, de 1969. Trata-se de uma obra que, pela honestidade intelectual e contribuição à análise do pensamento chapliniano, está fadada a ocupar um lugar de destaque, ao lado dos ensaios de Leprohon, Robert Payne, Sadoul, Marcel Martin e alguns outros, que constituem a bibliografia essencial sobre Chaplin.

O autor não esconde a sua profunda admiração pelo criador do imortal Carlitos. Como diz o poeta Drummond: «era preciso que um antigo rapaz de vinte anos, prêso à tua pantomima por filamentos de ternura e riso, dispersos no tempo, viesse recompô-los e, homem maduro, te visitasse para dizer-te algumas coisas, sob color de poema». Idêntica foi a trajetória chapliniana de Walter da Silveira. Através dos filmes de Chaplin foi que ele passou a amar o cinema e a trilhar os caminhos da crítica cinematográfica, que haveria de exercer com grande brilhantismo e dedicação. Foi na época de estudante, com idade de 20 anos, que Walter escreveu o seu primeiro artigo, dedicado a *Tem-*

*pos Modernos* — uma das melhores fitas da obra de Chaplin.

No início de *Imagem e Roteiro* de Charles Chaplin, o autor faz uma advertência, onde explica que «não se pretende um ensaio biográfico de Charles Chaplin. Tão-somente uma idéia crítica de sua importância cinematográfica, vale dizer histórica, dentro de nossa época.» O livro não é volumoso; são apenas cento e poucas páginas de ensaio crítico do melhor nível; o essencial para confirmar os predicados de escritor de Walter da Silveira e sua inegável posição como o maior ensaísta de cinema do Brasil.

*Imagem e Roteiro de Charles Chaplin* é um ensaio que se lê com o prazer de um romance. Uma linguagem clara, fluente e mais um conhecimento sólido da filosofia existencial chapliniana fazem do livro de Walter uma obra notável e atraente. O método adotado pelo autor para escrever o seu livro parece haver partido de um conselho do próprio Chaplin, que encontramos como epígrafe no capítulo — uma sátira quase violenta: «a maneira mais simples de abordar um assunto é sempre a melhor». Daí esta visão global, perfeita e criteriosa com que o escritor Walter da Silveira consegue transmitir ao leitor o fenômeno chapliniano.

Além das páginas de ensaio crítico, onde em dez capítulos são realizados estudos esplêndidos dos principais filmes de Chaplin (desde *Em Busca do Ouro* até *Um Rei em Nova Iorque*), o autor teve ainda a feliz idéia de tornar o seu livro mais interessante e precioso

ao acrescentar uma fundamental seleção de depoimentos e juízos de Chaplin; isto veio a resultar numa substancial complementação para se ter uma visão mais completa da personalidade deste extraordinário homem e artista do Século XX — Charles Spencer Chaplin.

O lançamento do novo ensaio de Walter da Silveira foi, indiscutivelmente, o maior acontecimento do movimento editorial baiano em 1970, e com ele a Bahia se inscreve com destaque na extensa bibliografia universal chapliniana.

Guido Araújo

## PRAIEIROS, 1970 REEDIÇÃO DESACREDITADA

Marques, Xavier. *Praieiros; Jana e Joel, A Noiva do Golfinho, Maria Rosa, O Arpoador*. Salvador, Ed. GRD, 1969. 197, x p.

O aparecimento da coletânea *Praieiros* fazia acreditar que se teria ao alcance, finalmente, a ficção de temática praieira de Xavier Marques de acordo com a ortografia vigente e em texto merecedor de crédito. Isto porque a chamada 4.ª edição de *Jana e Joel* (1951) não é fidedigna, e as demais (do romance como das novelas) datam de antes da Ortografia de 1943.

Mas a expectativa ficou frustrada. O texto que se reeditou em 1970 é inteiramente defeituoso. Menos nas novelas, adianta-se, porém no romance com evidência e repetição tais que o leitor estende a aquelas a sua desconfiança.

O motivo fundamental do desacerto dessa tiragem foi o desrespeito à vontade autoral, em de-

corrência do não atendimento à lição conservadora no preparo e fixação do texto, tanto no que diz respeito aos fenômenos filológicos, fonéticos e estilísticos e à pontuação original, como ainda (mesmo quando contrariasse tudo o mais) em virtude de não ter sido obedecida a própria ortografia oficial vigente. Vê-se, portanto, que se deturpou a vontade autoral (expressa nas edições em vida do Autor — 1899, 1902, 1908, 1914 e 1936) e não se atingiu a finalidade que justificaria a reedição, que era a de fazer acessível, na ortografia atual, o texto fiel das edições legitimadas pelo Autor.

O inventário das restrições literárias e vernaculares à edição 1970 de *Praieiros* é extenso, embora aqui só venha a ser apontado aquilo de mais genérico. E apenas no que não seja passível de dúvidas, após o cotejo com as edições básicas (exceto a de 1908).

Começemos pelas restrições de caráter externo. Não citando o equívoco que é dizer-se, na "orelha" assinada por Gumercindo R. Dórea, que o romance *As Voltas da Estrada* tem sua ação transcorrida em Cachoeira — em vez de uma cidade fictícia que mais ou menos corresponde a S. Amaro da Purificação —, deixa a desejar, nela, o fato de indicar-se que a edição é a quinta de *Jana e Joel*, sem que, paralelamente, seja mencionada qual vem a ser a edição das novelas. Sobretudo quando se sabe que é de boa técnica editorial situar esse registro no frontispício. No verso do frontispício, porém, há uma bibliografia de Xavier Marques. Incorreta e incompleta no aspecto da técnica bibliográfica, é, ademais, inexacta repetidas vezes sobre *Jana e Joel, Pindorama, Vida de Castro Alves, o Sargento Pedro* e o *Feiticeiro* com relação a local de edição, data, editora, etc.

É nosso ponto-de-vista que *A Noiva do Golfinho* não deve ser reeditada como parte dos *Praieiros*.

ros, apesar de incluída na edição de 1936, estando o Autor ainda em vida. Representa uma concepção estilística diversa do demais e, além disso, apareceu 20 anos depois de *Praieiros I e II*, em volume de outra temática. A reedição de 1936, ademais, foi apenas o canto-do-cisne de um autor em consumado ocaso, a qual, no plano da editoração, percebe-se, requisi-tava de mais uma novela para que houvesse um volume comerciável. Todavia, se apesar de tudo se faz opção pela tiragem de 1936 (em lugar da de 1902), neste caso tem-se de respeitar totalmente a vontade autoral, isto é, dispor as novelas segundo a ordem dada pelo Autor. Em *Praieiros* 1970, a ordem é diversa.

No aspecto ortográfico, somente faremos alusão ao texto de *Jana e Joel*, pois os problemas apresentados pelas novelas são exatamente os mesmos, ainda que, repita-se, com menor incidência.

Mesmo quando se queira considerar de menor importância o avultado número de vezes em que as palavras estão incorretamente grafadas, ainda assim temos que concluir que bastava o auxílio das Instruções do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa de 1943 para que, por quase quinhentas vezes, fôsse respeitada a ortografia vigente (mas ignorada) nas 99 páginas de *Jana e Joel*. As mesmas palavras aparecem ora de acôrdo com a ortografia antiga, ora com forma diversa e errônea, ora também corretamente, em situações como: a) falta o acento hoje requerido e não exigido na ortografia anterior; b) existe o acento antes cabível, hoje desnecessário; c) existe um acento antes como hoje não requerido; d) a palavra está grafada de acôrdo com a ortografia extinta; e) a palavra está grafada de maneira errônea, embora tenha continuado hoje com a mesma grafia.

Essa alternância (do correto antigo, do errado superveniente e do certo atual) ocorre também no trato de outros fatos lingüísticos, como o uso da crase e do apóstrofo. Quando erradamente a crase não foi retirada, estabeleceu-se formas paralelas como "à toa", "a toa" e "à tóa". No caso do apóstrofo, suprimiu-se por vêzes a intenção (rara em XM) de transcrever falas populares como "trasant'ontem" e "hom'e", e nas locuções "d'água" e "n'água" a conservação e o desrespeito chegam a estar na mesma página. Essa ausência de princípio uniformizador é saliente também no emprêgo do hífen e da justaposição de palavras compostas e na grafia de interjeições (nestas, chegou-se a mudar as formas originais *Eh* e *Hein*, que são dicionarizadas, por *Ê* e *Ein*, que não o são!).

A lição conservadora de fixação do texto manda que seja respeitada a pontuação precisamente como o Autor a estabeleceu. A edição em causa suprimiu vírgulas e fêz surgir vírgulas extravagantes. Mudou a pontuação final de inúmeras frases, fazendo surgir a inicial maiúscula na frase seguinte. Criou e suprimiu sinais de admiração e reticências. Mas a mais lamentável alteração aconteceu com o uso original da vírgula (hoje em desuso no Brasil), em lugar do travessão, para separar orações intercaladas que representam interferências do narrador nos diálogos. Em *Praieiros*, onde havia vírgula, mudou-se para travessão, modificação indevida, como no exemplo seguinte:

"— Puxa! — respondeu o barqueiro, despedindo-o. Mas retendo-o logo acrescentou: — Olha, amanhã, bem cedo, fala comigo; tens que receber o frete."

Dos quatro travessões, só o primeiro é vontade do Autor. Mas nem no êrro houve uniformidade. Por vêzes, o travessão superveniente não correspondeu à retirada da vírgula; e por duas vêzes (pg.

36) retirou-se o travessão existente de fato de edições anteriores, não em diálogos, mas em texto narrativo...

A edição 1970 destruiu alguns dos chamados erros tipográficos notórios, cometendo outros tantos, igualmente notórios. Não é desse gênero, porém, incontáveis erros de texto, de vária natureza, existentes em praticamente cada uma das páginas de *Jana e Joel*. É impossível enunciar tôdas essas "variantes" não-autorais. Há acréscimo e supressão de artigos, de preposições, de sinais exclamativos e palavras em função interjectiva. Há substituição de pronomes femininos por masculinos. E erros mais substanciais, no plano dos vocábulos significativos (*proa/prêsa*, pg. 13, *cêlere/célebre*, pg. 86, *desdeu/desceu*, pg. 90), e no plano do sentido da figura literária, que desapareceu com a mudança havida na palavra referencial (pg. 17, 49 e 85).

O fato de não ser registrada qual a edição tomada como texto-base leva a crer, por força de algumas soluções, que se preferiu a 3.ª edição de *Jana e Joel* (última em vida de XM). Mas na página final optou-se seguramente pelo texto de 1899, onde não há dois parágrafos existentes no texto de 1914. Esses parágrafos desapareceram na edição 1970. E se eles forem resultado da vontade autoral?

A vontade autoral não contou no problema das variantes fonéticas. Algumas delas, apesar de mais lusas que brasileiras, eram preferidas por XM, a exemplo de "doirar", "cousa", "dous", etc. A presente edição, sempre sem qualquer sistemática, conservou algumas variantes e desrespeitou outras. Um exemplo: o uso de "dous" foi substituído por "dois", mas "cousa" permaneceu "cousa". Outro: foi conservada uma variante não-dicionarizada, "fóros", e retirada uma dicionarizada, "ruptura". Por que?

Há muitas outras restrições cabíveis, de menor valor. Sobre elas não é preciso insistir.

Sendo *Jana e Joel* a obra que apresentou, pela primeira vez, em prosa de ficção, o homem e a paisagem do Recôncavo baiano, ainda agora o seu conhecimento adequado será prejudicado pela reedição ora aparecida. Reclamada desde o centenário de Xavier Marques, em 1961, ela não poderá, evidentemente, ser útil para fins literários e de estudo estilístico, ou para fins universitários, ou mesmo para a leitura cuidadosa. Não possuindo a qualidade que se chamaria de comerciável, isto quer dizer que tão cedo não voltará a ser reimpressa. E quer dizer também que obras similares somente deveriam ser reeditadas, com ou sem apoio oficial, com critério, conhecimento dos métodos de fixação do texto e responsabilidade expressa dessa parte preparatória da edição.

Mas não cabe aqui o pessimismo. Se a edição do cinqüentenário de *Jana e Joel* não é fidedigna, nem o é a de agora, guardemos todos a esperança de que o seja a do centenário — em 1999.

David Salles

## UM TRABALHO DE VALOR CULTURAL

Bernardo Guimarães: Lírico e sertanista. *Minas Gerais — Supl. Literário*. Belo Horizonte, 5 (203/205), jul./ago. 1970. Número especial. Dir.: Rui Mourão e J. Guimarães Alves.

Parece desnecessário ressaltar a situação destacada que conceitua o *Minas Gerais — Suplemen-*

to *Literário* entre os dois ou três bons suplementos literários brasileiros. Com cinco anos de publicação semanal ininterrupta, sua influência como propagador da atividade literária e artística não se restringe, já se sabe, à sua própria região. Mesmo quando, justificadamente, procure exercer o papel de divulgação e revalorização de escritores mineiros.

Precisamente nesse papel de divulgação — paralelo à publicação e o debate da literatura de nosso tempo — é que o SL do *Minas Gerais* tem realizado um trabalho de perceptível valor cultural e universitário, singular no Brasil, por meio da edição de números especiais dedicados a escritores mineiros.

A estrutura de cada um desses números é ao mesmo tempo simples e criteriosa. Selecionando estudos éditos ou inéditos sobre determinado escritor e selecionando obras ou fragmentos representativos de sua obra, ilustrando-os ademais com excelente iconografia, esses números são completados com extensa bibliografia de e sobre cada escritor em foco. Curioso é que, a rigor, não se trata de um número independente, fora da série. São três ou quatro números ordinários reimpressos, para efeito do número especial, em papel-bouffant, em vez de papel-jornal, aos quais sobrepõe-se uma capa em cores, via-de-regra (ainda bem!) de avançada invenção plástica.

Dentro desse espírito é que foram editados (para só falar dos

últimos dois anos) os números dedicados a Bárbara Heliodora, Basílio da Gama, Cristiano Martins, Henriqueta Lisboa e, por fim, Bernardo Guimarães.

A qualidade do conteúdo dessa tiragem mais recente — «Bernardo Guimarães: Lírico e Sertanista» —, organizada por Rui Mourão e J. Guimarães Alves, pode ser tomada como paradigma com relação ao cuidado havido para com as demais. Num total de 36 páginas, em tamanho tablóide, reúne fotos do autor e de locais de sua vida, fac-símiles de livros e ilustrações a obras da prosa e da poesia do autor de *A Escrava Isaura*. Sobretudo, reúne estudos sobre Bernardo Guimarães, assinados (em ordem de aparição) por Mário Casassanta, João Alphonsus, M. Cavalcanti Proença, Heron de Alencar, Antônio Cândido, Alphonsus de Guimarães Filho, José Paulo Paes, Waltensir Dutra, Fausto Cunha, Antônio Soares Amora e Oneyr Baranda, além da vasta bibliografia levantada por Hélio Gravatá.

Reunir os estudos dos especialistas citados representa, muito provavelmente, colocar ao alcance, em um só volume, o fundamental suporte crítico para o conhecimento da obra de Bernardo Guimarães. O que, em resumo, significa dar por cumprida a finalidade maior desses números especiais do *Minas Gerais: Suplemento Literário*: fazer mais conhecida e melhor avaliada a obra de escritores mineiros. Uma ação, portanto, de saliente valor cultural. —

David Salles